

RELAÇÕES DE PODER NO BRASIL COLONIAL

João Paulo Vargas¹

RESUMO: O presente artigo apresenta aspectos históricos do período escravocrata, em que estratégias e táticas são distribuídas entre colonizadores e escravos, pela sobrevivência da cultura, como também as relações de poder divididas em cultura dominante e cultura dominada, sendo assim apresenta a luta do negro pelo seu espaço, buscando identificar o descontentamento do negro com a égide do sistema colonial, aborda como sucedeu as primeiras fugas e a construção dos primeiros quilombos, dando ênfase para o maior quilombo existido, Palmares, representante da maior força de resistência a escravidão, verificar-se-á sua organização social pelo viés de uma estrutura estruturada e estruturante usando dos meios brancos e negros para se constituir, este artigo irá propor o processo da configuração e reconfiguração das sociedades quilombolas em um ambiente intercultural em detrimento ao colonialismo, gerando uma nova e original sociedade, uma sociedade Afro-brasileira.
PALAVRAS-CHAVE: Escravidão; Relações de poder; configuração e reconfiguração cultural.

POWER RELATIONS IN COLONIAL BRAZIL

ABSTRACT: The present article shows historical aspects related slaveholding period, that strategies and tactics are distributed among settlers and slaves, for culture survival, as well the power relations divided between dominant culture and subdued culture, therefore presents the black fight for his people, seeking to identify the black discontent with colonial systems aegis, addresses how to succeeded the first refuges and building the first quilombos, giving emphasis to the largest quilombo, Palmares, representing the biggest resistance power to the slavery, will checking their social organization the perspective of a structure structured and structuring using of the culture White and of the culture Black to build, this article will propose the configuration process and Blacks society reconfiguration process into an intercultural environment against colonialism generating a new and original society, an Afro-brasileira society.

KEYWORDS: Slavery; Power relationship; configuration and cultural reconfiguration..

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo abordar os teóricos da prática da antropologia, na intenção de discutir as relações interculturais do período colonial, quando escravos negros chegavam ao Brasil, e em situação desfavorável tiveram que reabilitar-se ao novo continente. O objetivo geral de nossa pesquisa está nas relações de poder entre os colonizadores lusitanos e os escravos, como essas culturas configuraram-se e reconfiguraram-se ao longo dos tempos, as estratégias do império recém-estabelecido, como também as táticas usadas pelos negros no cotidiano pela sobrevivência diante dos duros golpes da escravidão, tenciono

¹ Especialista em Antropologia Intercultural. E-mail: joapaulo.itatiba2@gmail.com



levantar dados históricos de como a sociedade africana espalhou-se no Brasil, plantando suas raízes culturais e não ficando inerte aos seus dominadores europeus, mas usando de todas as artes do cotidiano para sobreviver perante oponente tão implacável. Baseando-se em estudo bibliográfico verificaremos as lutas geradas na interculturalidade, das configurações e reconfigurações que fluem nestes espaços sociais, tornando possível identificar as estratégias usadas pela sobrevivência cultural.

O seguinte artigo será repartido em quatro seções, onde a primeira trará o contexto histórico, o cenário do período colonial, como também o domínio imperial sobre os escravos e como estes foram introduzidos no Brasil, assim resultando no “maior movimento migratório passivo da história” (ARTHUR RAMOS, 1946, p. 19). Nesta narrativa, tenciono levantar dados que mostram as capturas de culturas negras e de como se adaptaram ao regime de trabalho forçado, como também o campo social em que estão inseridos sob análise de Bourdieu e Foucault.

Na segunda há uma descrição do espaço que descreve os conflitos interculturais, dando início as primeiras reações dos escravos ao domínio colonial, caracterizando-se nas primeiras fugas, como na busca da criação do mundo africano, como também os primeiros Quilombos. Tencionamos descrever as estratégias usadas no cotidiano, às trampolinagens e artes de fazer utilizadas nestes conflitos sob as análises dos sociólogos Michel De Certeau e Roger Bastide.

A terceira aborda uma pesquisa sobre a organização política dos Quilombolas, tendo “Quilombo dos Palmares” como modelo, tornando-se, então, possível verificar como se encadeou a reconfiguração dos negros escravos. Finalmente, abordando teorias de Pierre Bourdieu e Weber, a quarta e última apresenta como a sociedade quilombola se configurou e reconfigurou em detrimento do colonialismo.

Por fim, nas considerações finais, as reações das culturas heterogêneas num contexto intercultural, pelo pressuposto de uma estrutura estruturante, e de como um espaço de conflito pode gerar reconfigurações tanto na sociedade dominante como na dominada, culminando na interculturalidade.



COLONIALISMO E ESCRAVATURA

Nos meados dos séculos XVI, em uma corrida ultramarina patrocinada por países da Europa, na era das descobertas, Portugal e Espanha aparecem como configuradores do “Novo Mundo”, tendo como personagens coadjuvantes o negro e o ameríndio. Na Europa os portugueses desenvolveram um comércio de escravos vindos da chamada Costa de Ouro e também da Costa Ocidental da África (MARCONI & PRESOTTO, 2010) durante a colonização da então nova ilha, a necessidade de mão de obra era inevitável devido à expansão da exploração territorial e os anfitriões ameríndios não tinham costumes de trabalhos e serviços pesados, além de que os dominadores portugueses encontraram resistências dos índios, culminando nas primeiras guerras internas (RIBEIRO, 1995), coube encontrar no homem africano a força do trabalho, que posteriormente foi preponderante na configuração cultural do povo brasileiro, aparece então a possibilidade da fusão das três raízes étnicas: europeu, negro africano e ameríndio (DAMATTA, 1981), assim como o português teve de aprender sobre as maneiras da nova terra, o africano tinha que adaptar-se em uma posição desfavorável.

Diferente do índio, o africano já era conhecido no mundo europeu, não como um homem de cultura diversificada, mas “para o nível de uma coisa, de um objeto sem valor” (LAPLANTINE, 2003:36), visto somente como mão de obra, portugueses corre de uma parte a outra arrebatando “nações quase inteiras de negros” (FREYRE, 1945:70) para o serviço escravo. Com o aumento da produção do açúcar e da exploração do mineiro aguçaram o fluxo mercantilista de escravos, registros mostram que nas primeiras décadas grandes quantidades de contingente negro eram distribuídas no interior do país, para trabalhar em diversos campos como algodão, cana de açúcar, cacau, café e etc. (RAMOS, 1956). Conforme relata Nina Rodrigues (2010:20) “o grande tráfico iniciou-se pouco menos de uns 50 anos após a descoberta do Brasil com alguns navios, por particulares, enviados a África”, assim o contingente alcançou número considerável em comparação com a população dos brancos, em meados dos anos de 1600 já contava com 20.000 escravos nos engenhos, no século XVIII a população total era de 3.250.000, sendo que 2.000.000 eram de escravos negros, em 1850 dos 8.000.000 de habitantes no Brasil, os negros alcançavam 2.500.000 (MARCONI & PRESOTTO, 2010, p. 271). O governo português implantava uma política de domínio sobre o negro e o índio, sendo que o negro era composto por várias etnias, falando entre eles diferentes dialetos e como tendo diferentes crenças, seus costumes dificultava o trabalho do português em domina-los (RIBEIRO, 1995), de acordo com Artur Ramos (1956) o traço

143



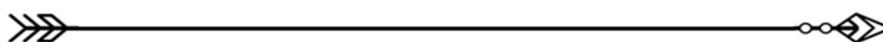
cultural do africano vindo para o Brasil pode ser dividido em três grupos: os Iorubanos - os Sudaneses, Males – os Islamizados e Angola-Congues – os Bantos.

Uma grande massa africana infiltrara pelo imenso território colonial, e apesar de alcançar uma população numerosa, permaneceu dominada pelo sistema imperialista da coroa portuguesa e donos de engenho, porem, deixando uma herança imaterial riquíssima, como na área religiosa, literária e linguística. Neste contexto poderemos verificar as relações de poder percebidos no período colonial. Através do método histórico levantaremos dados, onde se torna possível verificar as estruturas das sociedades negras construído no contato intercultural, assim como a configuração cultural e as estratégias e táticas desenvolvidas resultante do conflito entre colonizadores e negros africanos.

Todo escravo buscava ser livre do sistema colonial, não era fácil viver em tais condições, os senhores de escravos tinham uma pedagogia violenta para manter sua maquina de trabalho funcionando, o escravismo era conduzido pela vigilância acirrada junto com punição preventiva, avaliado pelos dentes, canelas e punhos, escravos eram levados “de correntes (...) a terra adentro, ao senhor das minas ou dos açúcares, para viver o destino que lhe havia prescrito a civilização: trabalhar dezoito horas por dia, todos os dias do ano” (RIBEIRO, 1995:119), entre chicotadas diárias para ser atento e tenso ou sobre castigo com queimaduras, cortes e até pena de morte, o negro planejava sua fuga, no qual muitos se aventuraram, mas quando capturados senão mortos pela fogueira eram marcados com uma tenaz tendo severos castigos (RIBEIRO, 1995).

A exploração do negro era vista numa normalidade, pois a escravidão estava condicionada pelo sistema político dos nobres (DAMATTA, 1981), até o século XIX perdurou um sistema jurídico formalista que permitia e legalizava o comercio de escravo, como comenta Da Matta (1981:74) “o senhor não se sente ameaçado ou culpado por estar submetendo outro homem ao trabalho escravo, mas, muito pelo contrario, ele vê o negro como seu complemento natural”, este campo social vivenciado implica em uma hierarquia cultural onde conflitos surgem (CUCHE, 1999).

O campo social corresponde ao local onde se acontece a interculturalidade, são os espaços sociais, tornando as estratégias e táticas percebidas, sendo essas utilizadas para sobrevivência e sustento da cultura, no ambiente do campo social os conflitos nascem e se constrói, consolidando no cotidiano em práticas.



Posicionar os agentes e suas devidas estruturas no campo social ajudara entender melhor este campo, de um lado o enunciador, e por outro, os que se submetem aos enunciados, nesse caso, o colonizador representa o inquiridor dos enunciados e o negro os encarcerados ao sistema desses enunciados, não podendo assim, expressar sua cultura livremente, estando sua estrutura em defasagem pela distancia de seu habitat, como também em condições desfavoráveis resultadas da escravidão, Artur Ramos (1956) lembra que os negros sofreram uma amputação da personalidade cultural quando chegou ao Novo Mundo, sendo considerado como um produto, um escravo, não podendo expressar livremente sua cultura. A sociedade negra se moldou dentro do campo social através das lutas, conflitos e interesses, através da diferenciação e distancia cultural entre os grupos, e como resultado, tornou possível identificar as estratégias e táticas aplicadas nas relações de poder neste embate. (BOURDIEU, 1983).

Este campo social que desejamos entender é o espaço onde as relações de poder se manifesta dada de uma distribuição desigual de um quantum social, que representa o poder influenciador dos agentes (branco e negro), a “estrutura do campo pode ser apreendida tomando-se como referencia dois polos opostos: o dos dominantes e o dos dominados” (BOURDIEU 1983, p. 21), no campo social do período colonial podemos identificar suas funcionalidades observando os polos, pois a ciência social como diz Bourdieu não tem o objetivo final de classificar, mas descobrir seus espaços sociais, que é, ao mesmo tempo, descobrir os campos de lutas no “qual seus agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças” (BOURDIEU, 1996, p. 49), segundo relata Hoebel e Frost (1981, p. 445) a conservação ou transformação das estruturas, contribui para uma difusão das culturas, em que os elementos de uma sociedade difunde a outra, em um processo dinâmico.

A cultura africana resistia a este polo dominante, que lhes impunham suas ortodoxias, suas práticas com instituições e mecanismo que “lhes asseguravam o estatuto de dominação” (BOURDIEU, 1983, p. 22). Esse domínio percorre sobre o campo social através de enunciados interiorizados e internalizados dentro de um processo social gerando práticas, e essas práticas se transforma em uma política, que conduz para uma aceitação desses enunciados pelas sociedades envolventes (BOURDIEU, 1983), mostrando que o poder do colonizador não estava somente na força disciplinadora dos açoites, mas trilhava sobre um discurso, a subordinação dos negros baseava também em uma ortodoxia enunciada pelo



período colonial, na visão do historiador Michel Foucault este poder consistia como uma rede produtiva de saberes, prazeres e não somente punitivo, para elucidar sobre isso escreve:

O fundamental seria a força da proibição. Ora, creio ser esta uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1979, p. 08).

Foucault observou que a história de um grupo não está somente nos fatos descritivos, mas associado na inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas encontrados na imposição de periódicos, tradições, retórica, tudo conectado e suprido pelas normas políticas e culturais em uma relação de poder, de fato o colonialismo gerava além de repressão, um discurso, levando a massa negra a curvar-se, não apenas para não ser castigado, mas na procura de algum benefício (FOUCAULT, 1979:05). Era a minoria estrangeira culturalmente diferente, com uma civilização de maquinismo, com uma economia potente, de ritmo veloz, de origem cristã, impondo sobre uma civilização sem tecnologia avançada, economia atrasada e materialmente inferior a da sua dominação (BALANDIER, 1993). Enquanto colonizadores enriqueciam-se através do trabalho do negro, por outro lado este procurava uma saída do encarceramento cultural, o inconformismo do africano iria projetar em estratégias de subversão, que anunciaria um descontentamento do escravismo (BOURDIEU, 1983). Porém não se podia atacar frontalmente o inimigo, por isso procurou “formas simbólicas e alternativas para oferecer resistência a essas forças mais poderosas” (MOURA 1992:35), exemplo disso o sincretismo religioso que de forma simples seria o negro aderindo a religião da cultura dominadora, mas revestida de uma estratégia camuflada a fim de preservar seus dogmas e crenças.

ESTRATÉGIAS E TÁTICAS NO COTIDIANO COLONIAL

A partir de uma observação dos conflitos entre estes polos no campo social, podemos levantar quais são as estratégias e táticas percebidas no cotidiano dos tempos coloniais, e ao enveredar neste caminho precisaremos definir a quem pertence as estratégias e as táticas, e onde se encontram no espaço social, a começar podemos citar Michel De Certeau como auxílio na compreensão do tema:



É necessário ainda precisar a natureza dessas operações por outro prisma, não mais a título da relação que mantêm com um sistema ou uma ordem, mas enquanto há relações de forças definindo as redes onde se inscrevem e delimitam as circunstâncias de que podem aproveitar-se (...) trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco e das “ações” que o fraco pode empreender. (DE CERTEAU, 1995, p. 97).

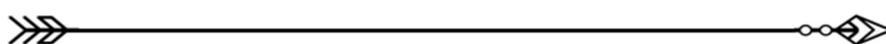
Ao comparar o cotidiano a um jogo entendemos que as sociedades gladiam-se entre si, através de ações inventadas para definir e delimitar seu espaço social, onde as artimanhas do jogo serão apresentadas com característica de estratégias e táticas, no caso do escravo era desvendar qual trajetória traçar para encontrar essas ações, a fim de jogar de forma consistente, para sobrevivência de sua cultura, já que o forte mencionado, diz respeito àquele que impõe as estratégias, que manipula as relações de forças em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado, portanto a estratégia esta no domínio daquele que possui o “algo próprio”, isto é, o lugar onde emana poder, em nosso caso designa-se aos colonizadores que estava arrodados de aparelhos de domínio o que lhes davam firmeza em sua base, como castigos e torturas o que lhes conferiam um lugar de poder e do querer próprio como diz De Certeau (1995, p. 99).

Diante de tal pressuposto, podemos analisar esta questão previamente em três pontos que Michel De Certeau aponta para o grupo das estratégias: primeiro, a praticidade do “próprio”: seria sua autonomia adquirida, o que lhes da possibilidade de expansão, permitindo capitalizar vantagens sobre as conquistas, introdutoriamente podemos afirmar que as estratégias pertencem aos dominadores, que estabelece a trama do jogo, ou seja, suas regras; segundo, dominar pela vista: dividindo o espaço para a uma pratica panóptica (vigiar e não ser vigiado, mesma conotação de Foucault em *Vigiar e Punir*), a ponto de controlar, medir e observar com a intenção de prever, e antecipar a leitura do espaço; e terceiro, legitimado pelo poder do saber: determinando um lugar para si próprio produzindo ortodoxias e praticas nos seus espaços de domínio.

O que é perceptível nesses pontos é que a estratégia esta inserida na sociedade dominadora, há exemplo disso, muitos instrumentos de tortura foram criados para manter o domínio sobre os escravos, o tratamento dos escravos nas senzalas eram lastimável e miserável, sob olhares dos colonos, privados do descanso, viam seus companheiros de trabalho, os cavalos, serem tratados de maneira mais cordial, Antonil descreve esse fato:

No Brasil costumam dizer que para o escravo são necessários três pés, a saber: pão, pau e pano. E posto que comecem mal, principiando pelo castigo, que é o pau; contudo provera a Deus, que tão abundante fosse o comer, e o vestir, como muitas vezes é o castigo (...) fazendo algum senhor

147



mais caso de um cavalo, que de meia dúzia de escravos; pois o cavalo é servido, e tem quem lhe busque capim, tem pano para o suor e freio dourado. (ANTONIL, 1950, p. 55).

Este relacionamento era tão cruel que até o alimento trivial, era muitas vezes feito e servido de maneira humilhante e sem humanidade. Relatando sobre isso Vidal comenta que “A comida era jogada ao chão. Seminus, os escravos dela se apoderavam num salto de gato, comida misturada com areia, engolindo tudo sem mastigar por que não havia tempo e esperar diante dos mais espertos e mais vorazes” (VIDAL, 1940, p.37).

Nestas condições o que restava era aguardar uma oportunidade, apostar em um silogismo, uma saída clandestina, o negro jogava no espaço alheio, comparando a um jogo lhe cabia a tática, situam-se aqueles que “não tem o lugar senão o do outro” lhe forçando a “jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha” (DE CERTEAU, 1996, p. 100) a tática é o movimento no campo do inimigo onde ele o controla, ficando evidente que aos que estão sujeito as essas condições cabe o esperar oportunidades, criar meios no meio do campo social, onde os conflitos são inaugurados a cada encontro dessas culturas heterogêneas, observando o contexto escravista, percebemos esse acondicionamento, em que esperavam a oportunidade de no mínimo mostrar sua insatisfação, assim como uma mosca enrolada na teia de uma aranha, onde cada movimento parece aprisionar ainda mais, De Certeau acentua a ideia do cotidiano construído pelas estratégia dos fortes e a tática dos fracos.

Cuche (1999) comentando sobre as hierarquias entre as culturas vê a importância de analisar a questão pelo os dois polos:

No entanto, neste tipo de análise, é necessário evitar as interpretações redutoras demais, como a que supõe que o mais forte está sempre em condições de impor pura e simplesmente sua ordem (cultural) ao mais fraco. Na medida em que a cultura real só existe se produzida por indivíduos ou grupos que ocupam posições desiguais no campo social, econômico e político, as culturas dos diferentes grupos se encontram em maior ou menor posição de força (ou de fraqueza) em relação às outras. Mas mesmo o mais fraco não se encontra jamais totalmente desarmado no jogo cultural (CUCHE, 1999, p.144).

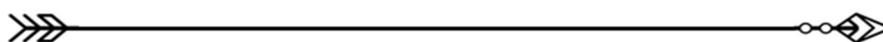
A partir deste conceito seria mais adequado dizer que o negro “não se encontra totalmente desarmado no jogo cultural”, em que suas táticas são percebidas na vigilância do poder proprietário, procurando nas amarras deste poder falhas onde este se esconde a espreita, pronto para a caça, pois o poder fica preso em sua visibilidade, deixando esta astúcia no alcance do fraco, pois “a tática é a arte do fraco”, a capoeira e a feijoada são exemplos



simples desses dribles criados no cotidiano colonial, substanciava uma manobra do sistema. Diante de tais esclarecimentos podemos presumidamente denominar que a tática é determinada na ausência de poder, enquanto a estratégia no postulado de um poder (DE CERTEAU, 1996). Por esta perspectiva a desigualdade social, política e econômica entre o escravo e seus donos, levanta a questão da luta social, da pratica sutil, onde o fraco sai á caça para impor suas táticas, criando uma “arte de fazer” o seu próprio cotidiano.

Deve-se ainda ressaltar que na utilização das táticas, usa-se a trampolinagem, termo escolhido por Michel De Certeau (1996) para definir as mil maneiras de jogar o jogo do outro, devendo desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações, criando atividades que driblam com o que tem, ou seja, um “fazer com”, alterando as regras de espaço opressor, fazendo uma bricolagem com a cultura dominante, usando inúmeras formas de burlar as regras impostas, assim jogam com os mecanismos e não se conformam, mas buscam altera-las, criando suas “maneiras de fazer que constituem as mil praticas pelas quais usuarios se reapropriam do espaço organizado, nessas taticas encontra-se a possibilidade do ganho” (DE CERTEAU, 1996, p. 41).

Severamente castigados, proibidos de manifestar sua cultura, negros encontraram nas táticas, a esperança da fuga da escravidão, e ao analisar sobre as táticas, não devemos ficar presos somente no combate em que o fraco luta contra o forte, pois outros fatores contribuíram para que as táticas fossem utilizadas, os escravos não anelavam por sua liberdade somente baseado em sua visão de mundo, mas eram também orientados pelo desejo de constituir suas raízes étnicas, esse desejo de liberdade levava-os para sua terra natal, pois seu olhar para o mundo não é baseado na homogeneidade das coisas, mas de forma heterogênea, onde cada montanha tem seu significado, portanto, a manifestação religiosa era uma forma de alívio, o bem estar produzido no sagrado lhes tirava do estado de escravo para um participante do seu mundo espiritual, era uma fuga provisória. Esta alienação na religião era a necessidade do escravo de viver uma situação de liberdade, a busca de uma consciência invertida do mundo, “a religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim é o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo” (MARX, 1974a: 94), a analogia da religião como um entorpecente, dá ideia de fuga do individuo de sua realidade para uma imaginada, exemplificava a busca do escravo de um mundo que lhes era próprio, daí a expressão de Marx “suspiro” e “protesto”, a religião é a manifestação do seu mundo idealizado e o protesto do mundo vivido, no caso a escravidão.



Outra maneira de protesto pelo sistema foi denominada por “estratégia da frustração”, que segundo Bastide implicava no ódio do branco, e este foi manifesto de varias formas, desde o assassinato de senhores e de indígenas, como nas guerras quando inimigos se constituíam brancos era brutalmente eliminados, um exemplo desta raiva, pode ser percebida na tradição do Testamento de Judas, enquanto as classes médias o boneco de Judas era acompanhado de fogos de artificios, nos locais dos negros era amarrado em uma arvore e explodido, ali manifestava o ódio coletivo, pois Judas simulava o inimigo branco e motivo de toda desgraça (BASTIDE, 1972). A fuga também foi apresentada como alternativa de protestar contra o sistema dominante. Esta por sua vez era perigosa, encontravam muitos desafios na floresta e inimigos indígenas, e se capturado era torturado até a morte, e a principio este método não tinha a força esperada, não atingia no coletivo, pois muitas fugas eram individuais, muitos eram arrematados para outra vez seguir seu destino cruel de trabalho ou ser queimado ate a morte.

Digno de nota seria mencionar a fuga no suicídio, consistia num jeito de vingar de seu senhor como também mostrar sua resistência á cultura do branco, pois o custo de um escravo era alto dando-lhe muito prejuízo, o suicídio negro neste período não eram somente motivados pela raiva, mas também por um protesto religioso. Bastide em seus estudos constatou que escravos suicidavam mesmo tendo bom tratamento de fazendeiros, a razão simples disso é que sacerdotes chamados de quiombos incentivavam a pratica com o fim de eles encontrarem ancestrais do outro mundo ou voltar á terra natal no anseio de estabelecer sua cultura, dando-lhe sensação de liberdade de expressar suas crenças, por esta razão Bastide define a religião como um catalisador comum destas tentativas de fuga (BASTIDE, 1972). As fugas passaram de individuais para coletivas, acostumaram a se reunir-se no meio da mata e de pouco a pouco formaram os mocambos ou quilombos, verdadeiras cidades. Começa-se um processo de adaptação cultural, sem esquecer-se do inimigo que estava à procura, a fim de eliminar cada ajuntamento de fugitivo, precisava-se de uma estruturação social.

Um quilombo caracterizava-se não somente por um ajuntamento de escravos fugitivos, mas também por sua resistência ao domínio colonial, buscando sua autonomia como homem livre, assim as regras e organização social tinham seus modelos copiados da pátria perdida, ressuscitando costumes da tradição africana, formavam os quilombos em verdadeiras republicas negras com uma base política bem solida e definida, crimes eram punidos severamente através de um direito consuetudinário (costumes) enquadrando homicídios, adultérios ou roubo individual (BASTIDE, 1972), o negro mostrava através dos

150



quilombos suas artes de fazer, mesmo tendo suas sociedades mutiladas, sua cultura transferia símbolos e costumes, na qual perduraria até os dias de hoje, era uma tentativa de construir uma nova África.

A luta do negro por um espaço cultural independente, não estava motivada em tomar o lugar do branco, como em conquistar terras e riquezas, mas construir seu conjunto de valores propriamente ligados a seu grupo étnico, por esta razão muitos sofriam de nostalgias e definhavam, pois não suportavam seu novo habitat (BASTIDE, 1972), o primeiro quilombo registrado está na margem dos anos 1575, perto da época do início da chegada dos primeiros navios negreiros, instalados na Bahia, a “Troia Negra” nomeada assim por Nina Rodrigues (RODRIGUES, 1904, p. 663), iria enraizar em quase todos os estados brasileiros, quilombos visto como inimigos dos colonos, em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Alagoas foi constatado diversos combates com objetivo de eliminar os quilombos (BASTIDE, 1972). Essa “quilombagem” de fugitivos apareceu como um módulo de resistência mais representativo que já existiu, como uma manifestação de rebeldia contra o escravismo, Clovis Moura descreve o termo quilombagem para referir um protesto do negro:

Entendemos, portanto, por quilombagem uma constelação de movimentos de protesto de escravo, tendo como centro organizacional o quilombo, do qual partiam ou para ele convergiam e se aliavam as demais formas de rebeldia. (MOURA, 1992, p.23). O potencial das culturas africanas foram sendo desenvolvidas ao prazo que surgem os quilombos, uma organização social, política e econômica que se instala em contraste com a política dos colonos, funcionava com base em valores tribais em uma hierarquia respeitada, seu trabalho eram a agricultura e agropecuária, a religião uma mistura de catolicismo com cultos aos deuses da terra africana, um verdadeiro sincretismo, guerrilhas eram preparadas com poucos homens que ficavam a espreita nas estradas para roubar mantimentos que não produziam nos arredores dos quilombos (MOURA, 1993:88), assim os escravos fugidos começou a estratificar suas bases, onde instalava a escravidão ali aparecia um ajuntamento, ou seja, um quilombo.

PALMARES A “TROIA NEGRA”

De maneira resumida podemos afirmar que o campo social e o cotidiano podem ser compreendidos no conflito de culturas heterogêneas, no qual se transforma em um jogo de relações de poder, os quilombos neste ponto se torna uma ameaça, pois alcançou estrutura



capaz de resistir e não mais ser subordinado às ordens escravista, como relatado pouco antes, este agora alcançou o seu “próprio”, liberdade de expressar sua cultura e crença. De todos os quilombos faz necessário conhecer o mais famoso deles, o “Quilombo de Palmares” em Alagoas, sua resistência que perdurou pouco mais de 60 anos, se constituiu a forma mais resistente ao império colonial, era algo inesperado, esta “troia” era um governo independente.

Palmares podia ser vista ao longe, era uma confederação de vários povoados, tendo uma capital, era a republica negra, sitiada por variadas tribos africanas, na sua maioria bantos, dando-se o nome de seus habitantes de “malungos” termo africano que significa aquele que é semelhante, a Tróia negra poderia ser comparada a um navio negreiro imóvel, havia toda uma organização cuja estratificação social se firmava na força militar e política (BASTIDE, 1972) tendo sua capital real como também diversas aldeias fortificadas com estrepes, paredes de barros e guardas, eram separadas umas das outras por distancia considerável, nos arredores destas aldeias havia casas de sapê pela orla da floresta rodeada de plantações onde realizava os negócios públicos, era costumes dos moradores terem duas casas uma para habitação cotidiana e outra casa da roça, ou casa do campo, para quando houvesse o tempo das colheitas abrigarem com segurança.

A organização politica consistia num governo democrático onde seu líder era escolhido por votos, o rei eleito recebia vulgo que pertencia de ordem religiosa, nomes de espíritos, denominado como “Ganga Zumba” que significava senhor grande ou “Zumbi” que significa diabo, este distribuía cargos administrativos a seus confederados, tinha sua casa real na capital real onde os magistrados e sacerdotes se reuniam em uma casa para ali resolver tratados, também se encontrava ali uma praça forte que lhe servia de preparação do contingente de guerra, soldados eram treinados para um possível ataque dos brancos, seu armamento era de punhais, arcos e os fuzis ficava reservado aos chefes. Seus embaixadores quando enviados para algum tratado nas colônias portuguesas causavam espanto e surpresa pela apresentação grotesca de barbeados diversos, alguns quase nus, outros bem vestidos, mostrando que suas memorias tribais não foram de todo esquecido, mas conservadas. Sua capital era um povoado que tinha por nome “Macaco” no qual possuía 1500 casas fortificadas como também um povoado fortificado com 800 casas chamado de “Sucupira” com organização politica bem definida como relata Nina Rodrigues (2010:82). Mulheres africanas não tinham o costume de fugir, pois desde sua terra natal lhes era ensinado à subordinação e submissão, assim os quilombos eram formados na sua maioria de homens,

152



forçando esses a raptar mulheres para si, de diversas raças, como brancas, indígenas ou negras, o perigo era constante para aquelas que trabalhavam nas roças por perto de um quilombola (BASTIDE 1972:126).

Sua economia baseava-se nas plantações de milho, cana de açúcar organizadas em monoculturas com casas pequenas, com terras trabalhadas, abordando ao modelo do branco tinham seus próprios escravos, assim se opunham a economia dos colonos, Palmares ignorava a criação de animais, mas aderiram fortemente á caça e a pesca, as colheitas eram seguidas de festas religiosas que podiam durar 14 dias, com cerimonias que duravam quase a noite inteira no qual se percebe ainda hoje nos negros de origem bantos, a massa trabalhadora vivia ao derredor da capital acessando a mesma por situação emergencial ou quando brancos atacavam, esta republica foi sendo conhecida como a “Tróia Negra”, devida sua estrutura como sociedade (BASTIDE 1972:125-130).

Apesar de ser vista como principal fonte de resistência do sistema imperialista, o príncipe dos quilombos constituiu em um forte distribuidor de mantimentos, apesar de rumores nas cercanias ao redor de Palmares de assaltos, houve períodos de paz, com um tratado de comercio livre entre os colonos e negros, idas e vindas aconteciam nos comércios, trocando produtos e frutas do quilombo por armas, pólvora, balas, vestidos oriundos da Europa provavelmente para o rei, como também a prata. Esta é uma demonstração da força que ganhou a nova sociedade formada da luta pela liberdade, Bastide (1972:127) comenta que Rocha Pitta um historiador da época colonial que além deste comercio correr pacificamente, eles tinham uma comunicação secreta, mantida entre fazendeiros e quilombolas, estes recebiam salvos-condutos, seus escravos podiam transitar livremente sem serem raptados pelos negros de Palmares, chegou um tempo em que não havia privação do comercio.

Quem olhasse para Palmares logo percebia não um ajuntamento de pessoas deprimidas, mas uma verdadeira dinastia, um estado civilizado, um retorno ás tradições africanas, não conservadas por leis escritas em papel, mas transferida pela memoria dos anciãos e sacerdotes, eram regras tribais que refletiam uma África desejada, seria impossível refazer neste Novo Mundo o seu habitat natural, um esforço cultural na adaptação de um mundo idealizado nos moldes tribais, para uma libertação dos brancos, num processo de bricolagem produzir com os resíduos de origem africana uma cultura nova, concomitante



recompondo as antigas estruturas e criando formas novas, que resultam numa original, uma cultura afro-brasileira.

Mais de 18 expedições foram necessárias para a destruição total da então chamada “troia negra”, no qual, aconteceu em 1695 dirigidas por Domingos Jorge, Bernardo Vieira e Sebastião Dias, entraram e arrasaram as casas com canhões e seis mil homens armados (RODRIGUES 2010:93). Palmares foi uma criação original de uma “constituição republicana, uma monarquia eletiva, estabelecendo leis, instituindo magistraturas inéditas, mas um fenômeno de resistência cultural” (BASTIDE 1972:129).

CONFIGURAÇÃO E RECONFIGURAÇÃO EM DETRIMENTO DO COLONIALISMO

Os quilombolas podem exprimir o exemplo de cultura que se sujeita a um desenvolvimento dinâmico, de mudança social, isso conseqüentemente leva a concepção de que “as culturas mudam continuamente, assimilam novos traços ou abandonam os antigos, através de diferentes formas” (MARCONI & PRESOTTO 2010:41). Podemos sugerir que os quilombos nem são colônias portuguesas e nem são tribos africanas, por esta relação de raças, apresentam características de um povo ambíguo no caráter DA MATTA (1981), apesar de estarem dominados pelos aparelhos de repressão dos colonos não os fez totalmente alienados, totalmente dependentes, “podendo resistir em maior ou menor escala a imposição dominante” (CUCHE 1999:145). Para tal é necessário entender como essas fugas coletivas resultaram nestas fortalezas, que estrutura social os convergiu em massas de resistência, em sociedades duráveis.

Weber partiu do princípio que as estruturas sociais podem perder com o tempo sua significação, “desde que a atividade dos homens a elas referente lhes dê outra significação, quer por força das necessidades, quer por motivos de interesse novos” (FREUND 2003:88), no caso dos negros essa significação estava em seus novos interesses, na necessidade mutua de liberdade do escravismo, trata-se de uma noção de oportunidade, ou silogismo.

Ainda comentando sobre Weber, vemos que os homens em suas atividades sociais se orientam pelo vícios de um regulamento, hábito, valor e crença, de maneira que os participantes dela encontrem motivos favoráveis para a tal pratica (FREUND, 2003), e são por estas atividades que se formam a base das organizações políticas, econômicas, religiosa entre outras. Os quilombos, principalmente Palmares representava uma sociedade do tipo



ideal, em que o comportamento coletivo era movido por regulamentos no qual definiam suas organizações administrativas, modo de adesão, sanções, composição de aparelhos combatentes como guerrilhas, seus participantes compartilhavam de um mesmo ponto de vista lógico e ético, que lhes conferiam uma estrutura durável, contudo não imutável, pois de tempo em tempo membros a deixavam como outros a aderiam aceitando seus estatutos.

Os regulamentos podem ter caráter explícito, um estatuto cuja existência não depende da vontade dos seus membros, mas parte de um aparelho de constrangimento, de uma coerção, este regime era encontrado na metrópole dos negros FREUND (2003:90-93). Podemos pensar que sua relação durável supõe regularidades, no caso uso e costumes tomavam forma de familiaridade e rotina, lhes permitindo não somente uma estrutura durável, mas uma estrutura estruturada.

Na reciprocidade e regulamentos vemos como as estruturas se permeiam, Bourdieu nos lembra de que esta estrutura pode sofrer alterações:

Essa estrutura não é imutável e a topologia que descreve um estado de posições sociais permite fundar uma análise dinâmica da conservação e da transformação da estrutura da distribuição das propriedades ativas e, assim, do espaço social. É isso que acredito expressar quando descrevo o espaço social global como um campo, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura. (BOURDIEU, 1996, p. 50).

Esta dinâmica criada entre os escravos e colonos serviu de molde para o surgimento de novos grupos que se fazem nos padrões culturais afro-brasileiros, iniciando novos rumos em suas estruturas MOURA (1992:38), as estruturas não são imutáveis, mas passiva de transformação. Racionalizando a ideia de habitus de Bourdieu (1983:15) que segundo ele é “um sistema de disposições duráveis, uma estruturas estruturadas, predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes”, podemos afirmar que as culturas recebem um princípio, ou uma capacidade em configurar-se e reconfigurar-se gerando novas práticas dispostas a mudanças variáveis, portanto a cultura pode ser vista em uma construção sincrônica que é elaborada em uma estruturação, desestruturação e reestruturação como diz Cuche, “Ao invés de ‘estrutura’, seria preciso falar de ‘estruturação’, ‘desestruturação’ e ‘reestruturação’. A cultura é uma construção ‘sincrônica’ que se elabora a todo instante através deste triplo movimento” (CUCHE, 1999, p.138).

Por esta análise a noção de habitus de Bourdieu habilita entender que a cultura é vista como um conjunto de estruturas como citou Weber (FREUND, 2003) e as disposições



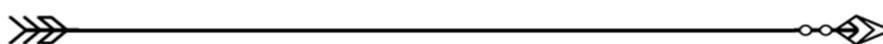
duráveis dessas estruturas servem como uma matriz de percepções, apreciações, como de ações em que se realiza em determinadas condições sociais Bourdieu (1983:19). Estas disposições são as práticas que um grupo mantém funcionando dentro de um campo social, onde as lutas sociais são travadas, resultando em estratégias permitindo o imprevisível, no qual entendemos como as artes de fazer o cotidiano, as trampolinagens e práticas, que não podem ser facilmente percebidas nas redes do poder.

Seguindo esta lógica, precisamos compreender que no período colonial o conflito gerou um encadeamento de ações por parte dos escravos, organizando-se em estratégias, “sem ser de modo algum produto de uma intenção estratégica” (BOURDIEU, 1983, p. 61), poderíamos dizer que o habitus funciona como célula tronco, gerando características próprias e peculiares, utilizando da sucata do que lhes é permitido no jogo do cotidiano, produzindo práticas individuais e coletivas, e nessas práticas os escravos encontraram ajustar uma probabilidade possível ou chances objetivas que propõe a transformação do passado por um futuro esperado. Uma conclusão prévia é que os quilombos se instalou como modelo de como a cultura pode ser uma estrutura estruturada e estruturante, ao mesmo tempo em que é sólida firme e durável com uma organização política, pode ser passível de modificação e transformação aderindo novos valores, crenças e tradições.

Fazendo uso do modelo histórico dos períodos coloniais, pudemos constatar que sua relação se concretiza em diferentes quadros sociais, favorecendo sua integralidade no campo social através de competições, conflitos e etc. Surgindo na sua estruturação e desestruturação fatos como sincretismo, a mestiçagem cultural e a assimilação (CUCHE, 1999). Criando a hipótese de um indivíduo gerado na marginalidade, adaptado para viver em uma sociedade pluricultural, dando origem aos Afro-brasileiros, uma cultura capaz de caminhar em dois campos ao mesmo tempo, como acertadamente enfatiza Bastide:

O Afro-brasileiro escapa, pelo princípio do corte, à desgraça da marginalidade (psíquica). O que se denuncia às vezes como a duplicidade do Negro é o sinal de sua maior sinceridade; se ele joga em dois campos, é porque ele está realmente em dois campos (BASTIDE, 1955, p. 498).

Partindo do pressuposto deste “princípio do corte”, podemos entender que a marginalidade do indivíduo age nas diferentes situações nas relações em contextos com culturas diferentes, podendo ou não impor este princípio. Na qual se constitui como um



instrumento de defesa da identidade cultural, geralmente característico de grupos minoritários, os homens nestas condições tende a serem criativos adaptáveis e assumir a liderança em situação de mudanças sociais, olhando por este viés, podemos entender a mutação cultural e descontinuidade de um espaço social, que apesar da desestruturação social e cultural dos grupos Afro-americanos causados pelos séculos de escravidão, “os Negros criaram culturas originais e dinâmicas” (CUCHE, 1999:134-137).

Logo, podemos dizer que as culturas não podem ser divididas em culturas “puras” e outras “mestiças”, mas em ocorrência do contato com a interculturalidade se convergem em culturas “mistas”, geradas nas continuidades e descontinuidades (CUCHE, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas que ao pesquisar o contexto histórico colonial, percebemos um universo de estratégias e táticas como reações das culturas heterogêneas no contato intercultural, onde um processo de mudança cultural não intencional se constrói.

A abordagem submetida pela perspectiva dos teóricos da prática trouxe o pressuposto de que a cultura é uma estrutura estruturante, na qual vai sendo estruturada por regulamentos criados pelos grupos participantes, seguido de um habitus que são as mil maneiras de fazer o cotidiano, em um espaço de conflito, potencializando em configurações e reconfigurações tanto na sociedade dominante como na dominada.

Apesar de toda repressão e domínio dos colonos, a cultura negra desenvolveu um sistema de resistência através de um descontentamento, utilizando de todos os recursos que estavam em seu alcance, dando um início a uma cultura original, uma cultura que tem suas próprias bases, nem africana e nem europeia, mas afro-brasileira.

Assim, observamos como os processos de mutação cultural acontecem nos conflitos, nas relações de poder, e que a história revela as estratégias dos fortes e as táticas dos fracos, em que se opera na clandestinidade dos espaços sociais.

Podemos adicionar que nas pesquisas antropológicas de um espaço intercultural, não encontramos uma cultura pura em si, mas que sua formação se dá no relacionamento e integralidade com outras, são na verdade o resultado de muitas, pois as sociedades se



apresentam com essas continuidades e descontinuidades, onde se estruturam e desestruturam trazendo uma configuração e reconfiguração dependendo o estágio desse processo.

REFERÊNCIAS

- ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. Salvador: Progresso, 1950.
- BASTIDE, Roger. **O princípio de corte e o comportamento afro-brasileiro**. São Paulo: Congresso Internacional de Americanistas, 1955.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**; tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papius, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 15a.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979 .
- FREUND, Julien. **A Sociologia de Max Weber**; tradução de Luís Claudio de Castro e Costa; revisão de Paulo Guimarães do Couto. 5. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.
- FUNES, E. A. Nasci nas Matas nunca Tive Senhor - história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. **Regaste Revista de Cultura**, CMU/UNICAMP, v. 7, p. 137-142, 1997.
- HOEBEL, E Adamson; FROST, Everett L. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003.



MARCONI, Marina de A.; PRESOTTO, Zélia M. N. **Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. La Ideologia Alemana. In: ASSMAN, Hugo & MATE, Reys (Orgs.). **Sobre la religión I (K.Marx y F. Engels)**. Salamanca: Sígueme, 1974.

MOURA, Clovis. **Rebeliões na Senzala**. São Paulo: Lech livraria editora, 1990.

MOURA, Clovis. **Historia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

MOURA, Clovis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. 3.ed. São Paulo: Ática, 1993.

NINA RODRIGUES, Raymundo. **Os Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

NINA RODRIGUES. A Troya Negra: erros e lacunas da História de Palmares. In: **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano**. Recife, v.11, n.63, p. 645-672, 1904.

RAMOS, Arthur. **As culturas negras no Novo Mundo**: Negro Brasileiro III. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIDAL, Ademar. **Costumes e práticas do negro**. In: II Congresso Afro-brasileiro. Salvador, 1937. O negro no Brasil. São Paulo. Civilização Brasileira. 1940.

